

CONGRESSO INTERNACIONAL MOSTEIROS CISTERCIENSES:**“Passado, presente, futuro”****Alcobaça 14 a 17 Junho 2012****O Aqueduto da Água da Prata e o abastecimento de água ao Mosteiro de S. Bento de Cástris – Évora, Portugal*****Resumo:**

O Aqueduto da Água da Prata terá sido edificado entre os anos de 1531 e 1537 por iniciativa do rei D. João III, tendo conduzido água da Graça do Divor até à Praça Grande da cidade de Évora, atual Praça de Giraldo. O comprimento que o antigo canal adutor media, entre estes dois locais no ano de 1606, era de 16646 varas o equivalente a 18310,60m. Quando da elaboração do projeto do aqueduto, a definição em planta do eixo longitudinal do canal adutor foi certamente influenciado, em parte, pela localização do complexo monástico feminino de S. Bento de Cástris, casa religiosa pertencente à Ordem de Cister. A altimetria do terreno impediu contudo que o aqueduto conduzisse a água, por gravidade, até a esta edificação. A já muito reduzida inclinação do canal no local levou a que o ponto de abastecimento de água ficasse localizado fora do complexo monástico. Os recursos hídricos naturais do espaço monástico e a área envolvente permitiram, contudo, um abastecimento de maior proximidade à então numerosa comunidade religiosa aí residente.

Palavras-chave:

Recursos hídricos, Aqueduto da Água da Prata, mosteiro.

* MONTEIRO, Maria Filomena Mourato, Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura da Câmara Municipal de Évora; PEREIRA, Marízia M.D., Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Universidade de Évora; TERENO, Maria do Céu Simões, Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora.

INTERNATIONAL CONGRESS ON CISTERCIAN MONASTERIES:

"Past, Present, Future"

The Aqueduto da Água da Prata (Aqueduct of the Silver Water) and the water supplies to the Monastery of S. Bento de Cástris – Évora, Portugal[†]

Abstract:

The Aqueduct of Água da Prata (Silver Water) would have been built between the years 1531 and 1537 by initiative of the King John III conducting the water from Graça do Divor to Praça Grande in the city of Évora, currently Giraldo Square. The length of the former adductor canal, between these two places in the year 1606, was of 16 646 ells the equivalent of 18310.60 m. During the elaboration of the aqueduct project, the definition in draft of the longitudinal axis of the adductor canal was certainly influenced, partly, by the monastic complex of S. Bento de Castris, a nun's religious house belonging to the Cistercian Order. However, the hypsometry levels in the terrain hindered the distribution by gravity of the water brought by the aqueduct to this construction. The very small inclination of the canal in this site, determined that the water supply point was located outside the monastic complex. The natural water resources of the monastic space and surrounding area enabled however, a closer water supply to the large religious community residing there.

Keywords:

Water Resources, Aqueduct of Água da Prata (Silver Water), monastery.

[†] MONTEIRO, Maria Filomena Mourato, Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura da Câmara Municipal de Évora, Portugal; PEREIRA, Marízia M.D., Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Universidade de Évora, Portugal; TERENO, Maria do Céu Simões, Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora, Portugal.

Introdução

A água, elemento fundamental para o desenvolvimento de qualquer local assumiu no inóspito Monte de S. Bento, situado muito próximo da cidade de Évora, importância capital para a comunidade religiosa feminina que aqui se fixou. A característica de local pouco abundante em águas superficiais foi ultrapassada com a busca e execução, de soluções mais ou menos engenhosas que garantiram uma quantidade e qualidade adequada do tão precioso líquido. O terreno, também esse sabiamente adaptado a alguns tipos de cultivo, permitiu por sua vez a prática de uma agricultura de subsistência a esta numerosa e próspera comunidade religiosa.

A existência de água, terrenos férteis e isolamento, características inerentes às casas religiosas pertencentes à Ordem de Cister estavam asseguradas garantindo a esta casa uma qualidade de vida espiritual e terrena adequada à Ordem em questão.

Localização do antigo mosteiro e área envolvente

O Mosteiro de S. Bento de Cástris foi fundado “meia légua” fora da cidade de Évora, para ocidente, na base de um monte, em local isolado, com bons terrenos embora declivosos e existência de água no subsolo das áreas envolventes.

No local existiria apenas a ermida de S. Bento instituída em finais do século XII, em velhas construções de apoio a antiga atalaia militar aí situada.

Proximo dessa ermida, terá Dona Urraca Ximenes constituído recolhimento religioso feminino que, por imposição da Igreja, integrou a Ordem de Cister. Constituiu-se assim a primeira casa religiosa feminina, fundada em Portugal, a Sul do Rio Tejo.

Nos campos temporal e espiritual, como casa feminina que era, ficou subordinada aos superiores do Mosteiro de Alcobaça pertencentes à mesma ordem religiosa. A cidade de Évora à data já contava com casa religiosa mendicante masculina, localizada a Sul da cidade e fora da muralha primitiva.

Embora sendo de clausura, devido a especificidades da Regra, o Mosteiro de S. Bento tornou-se amplo, rico e populoso, podendo segundo Pe. Manuel Fialho sustentar uma comunidade com mais de cento e quarenta pessoas.

Passados que foram mais de dois séculos após a instalação no local deste núcleo de religiosas, que obviamente se terão socorrido dos meios aquíferos naturais existentes na área, a construção do Aqueduto da Água da Prata, e o fato do seu traçado em planta ter sido projetada a passar próximo do mosteiro, permitiu um abastecimento suplementar de água à então já muito numerosa comunidade religiosa (fig. 1).

Aqueduto da Água da Prata (edificação)

A descrição mais antiga, e verosímil, que se conhece do aqueduto e respetivo traçado consta no *Regimento do Aqueduto da Água da Prata* e está datada do ano de 1606. Nele relata-se que “...a primeira água que entra no cano Real, é nas minas onde ele tem seu princípio, que está na herdade de Rui Lopes Lobo, além da igreja de nossa Senhora da Graça do Divor [...] estas minas têm dois canos apartados em dois braços muito bem feitos [...] tem três palmos de largura, e seis de alto, com suas paredes de pedra e cal, coberto por cima de grandes pedras bem lavradas [...] e como a água há-se ir ao nível, vão os canos em terra alta por baixo dela, as vezes em 25 palmos, e em partes em 30 palmos [...] estes canos [...] a certos passos tem luminarias para dar claridade a quem os visitar por dentro, tirando-lhe as pedras que as cobrem ...”[‡] (fig. 2).

Sabe-se porém que o canal adutor foi, quando do início da edificação, construído com poucos cuidados, por escassez de tempo disponível e extensão da obra, chegando a que o canal adutor, nos troços sobre arcaria, ter ficado apenas a céu aberto. Poucos anos após a sua construção foi coberto com “cascões”, pedras irregulares e toscamente talhadas, o que diminuiu a evaporação do líquido no canal, melhorando também substancialmente a qualidade da água (fig. 3).

Quanto ao revestimento interior do canal de adução, realizado com peças pré-fabricadas executadas em material cerâmico não vidrado, e moldadas em estaleiros ao longo da obra, eram facilmente desgastadas pela corrente da água, mesmo com a reduzida inclinação do perfil longitudinal do canal. Tal solução construtiva, embora rápida e económica, obrigou a obras regulares de manutenção, e mesmo à reformulação de diversos troços pouco tempo após a sua entrada em funcionamento (fig. 4).

O Aqueduto da Água da Prata era abastecido por diversas nascentes, que ao longo do seu traçado adutor engrossavam o caudal aquífero que corria pelo cano. Para além das 28 nascentes e fontes iniciais muitas outras foram sendo adicionadas por diversos proprietários permitindo aos seus detentores, ou “donatários” segundo a nomenclatura no ano de 1606 expressa no *Regimento*, a utilização de uma determinada quantidade de água, percentualmente relacionada com a nova quantidade introduzida no cano, em qualquer local, ao longo do traçado do cano real. Para isso teriam de suportar as despesas inerentes à construção do ramal da nascente que possuíam, até ao cano adutor

[‡] *Regimento do Aqueduto da Água da Prata*, 1606, C.M.E.

do aqueduto, assim como respetiva caixa de água. No local a abastecer, igualmente tornava-se necessário o custear das despesas da edificação de caixa de água e respetivo ramal domiciliário (figs. 5).

Traçado do aqueduto (geral)

O percurso do canal adutor desenvolveu-se de acordo com a topografia do terreno, sempre que foi possível adossado a este, evitando grandes obras em arcaria, ou a abertura e consolidação de galerias profundas. Tais soluções construtivas necessitariam de mais avultadas verbas, assim como de mais tempo para a sua execução, razões que não agradaria seguramente à população da cidade, que custeava as despesas da construção do cano real, nem ao rei que necessitava dessa água com urgência por alegadas razões de “saúde pública”. Devido ao clima seco, Évora era local regular de estadia da corte, essencialmente quando a peste alastrava noutras cidades do reino pois estando a população infetada a corte seria sequencialmente afetada devido à proximidade diária inevitável.

Tais limitações nos meios construtivos, assim como a pouca diferença de cotas altimétricas entre a nascente mais distante, situadas para além da igreja da Graça do Divor e a cidade de Évora fizeram com que o declive do canal adutor fosse diminuto e influenciaram grandemente todos os potenciais pontos a abastecer com água do cano real. Com uma velocidade de escoamento reduzida, devido à pouca percentagem de inclinação, a qualidade da água era afetada resultando daí diferentes problemas para a saúde pública.

Traçado do aqueduto (entre S. Bento e Évora)

Devido à altimetria, do terreno, das nascentes, e dos pontos a abastecer, o projeto do aqueduto foi obrigatoriamente desenvolvido em arcaria no troço compreendido entre S. Bento de Cástris e a muralha da cidade de Évora (fig. 6).

No Regimento descreve-se esta distancia como ”... do muro da cidade até à arca que está aquém de São Bento onde o cano/começa a vir ao longo da terra, tem o cano oitocentos oitenta e duas braças...”. Considerando que uma “braça”, em Portugal, corresponderia hoje a 2,20m, o comprimento do canal adutor entre estes dois locais seria, no ano de 1606, de aproximadamente 1830 metros.

Neste troço existiram duas fontes públicas abastecidas com água do cano real. A primeira a ser aberta foi a Fonte da Prata, ou a S. Bento, descrita no Regimento do Aqueduto como tendo “um tanque de 9 palmos de comprimento por 5 de largo”. Situar-

se-ia junto ao Mosteiro de S. Bento. A população da cidade passou a utilizá-la, embora estivesse localizada fora da cidade. Mais tarde foi aberta a Fonte das Cinco Bicas “esta com um tanque de 14 palmos de comprimento por seis de largo” construída no troço em arcaria do aqueduto, já então terminado, e situada entre o Mosteiro da Cartuxa e o Convento de Santo António da Piedade, ambas casas religiosas entretanto edificadas (figs. 7 e 8).

Constata-se que, no espaço compreendido entre S. Bento e a cidade de Évora, o Aqueduto da Água da Prata abastecia duas fontes públicas, a de S. Bento ou da Prata (A) e a das Cinco Bicas (C), e duas casas religiosas, o Mosteiro da Cartuxa (B) e Convento de Santo António da Piedade (D), (figs. 9 e 10).

Entre estes quatro pontos de água a Fonte da Prata, a S. Bento, era o segundo com maior quantidade de água. Situada próximo do mosteiro teria uma única bica abastecida com um “4º d’anel” de água proveniente do aqueduto.

Desde a nascente mais distante da Graça do Divor até esse local, a água corria através de 16,4406 km de caleira, e daí até aos muros da cidade por mais 1,970 km.

Imediatamente após S. Bento, o aqueduto desenvolve-se ainda hoje em arcaria, antiga, aumentando progressivamente de porte em direção a Évora (fig. 11). Tal antiguidade é contudo relativa considerando que devido à exposição aberta desta zona, a arcaria foi substancialmente danificado em períodos bélicos, mas reconstruída, devido ao importante papel que desempenhava o cano real no abastecimento de água à cidade (figs. 12 e 13). Quanto ao troço anterior a S. Bento, maioritariamente a acompanhar a topografia do terreno verificou-se uma reformulação do traçado em planta, através do encurtamento do seu percurso adutor.

Recursos hídricos (S. Bento de Cástris, atual situação)

O aqueduto, situado na área envolvente ao antigo Mosteiro de S. Bento de Cástris, uma nascente situada no exterior da cerca monástica, uma fonte, diversos poços dispersos, os túneis de drenagem e uma cisterna garantiam um abastecimento de água, qualitativa e quantitativamente, adequado ao mosteiro (fig. 14). Todos estes antigos e importantes recursos aquíferos, embora ainda existam, não se encontram hoje aproveitados:

Aqueduto – para além do canal adutor existe a caixa de água nº 2 (remodelada), a mais próxima atualmente do portão de acesso ao pátio do antigo Mosteiro de S. Bento de Cástris (figs. 15 e 16).

Faixa de servidão do aqueduto – essencial para a manutenção do aqueduto mantém-se ainda desimpedida de obstáculos neste troço junto a S. Bento (figs 17 e 18).

Nascente subterrânea – a água proveniente desta nascente, situada fora do limite da cerca grande, encontra-se canalizada sendo visível algumas das suas caixas de visita, situadas já no interior da cerca grande (figs. 19 e 20).

Poços e cisterna – num total de cinco, atualmente selados ou entulhados (figs. 21 e 22).

Túneis de drenagem – no exterior da cerca pequena existem ainda hoje túneis, conhecidos desde longa data. Seguramente serviriam para o encaminhamento de águas podendo pontualmente terem assumido diferentes utilizações em períodos determinados. Apresentam, devido à ausência de manutenção, em alguns troços, a cobertura abobadilhada abatida encontrando-se as caixas de visita ou entradas conhecidas, seladas por motivos de segurança (fig. 23).

Conclusões

Desde o ano de 1274 data da sua origem até ao ano de 2012 decorreram 738 anos de história, neste imponente antigo conjunto monástico.

Atualmente coloca-se a questão de como salvaguardar, de imediato, tão vasto e diversificado património.

No que se refere aos diversos recursos hídricos da área envolvente há que referir o fato de se encontrarem desaproveitados: a água que corre no aqueduto da Água da Prata deixou de entrar no circuito de abastecimento público da qual hoje faz parte, essencialmente, as águas proveniente de barragens; os poços situados nas cercas e horta do antigo mosteiro cisterciense encontram-se, como medida de proteção, selados com lajes em cimento; os antigos túneis de drenagem, com alguns troços a ameaçar derrocada, estão inoperacionais e seladas as entradas conhecidas; a cisterna para onde certamente drenam as águas subterrâneas existentes no subsolo da igreja, garantindo menor humidade por capilaridade nas paredes, está esquecida e sem manutenção há longos anos; a nascente situada fora da cerca grande, e cuja água é conduzida para o tanque e a fonte, a necessitar de uma urgente consolidação da mina adutora assim como limpeza de todo o antigo sistema hídrico.

A proximidade da cidade de Évora, a ampla cerca que este antigo mosteiro ainda possui, os recursos naturais existentes embora não utilizados, o belo panorama que daí se abarca, a vasta área de construção existente ainda em bom estado de conservação, e a sua história, fazem deste conjunto algo difícil de preservar.

Caberá a todos um olhar criterioso na procura de soluções, imediatas, viáveis, de qualidade e que consigam preservar tão vasto local como um todo, contudo, só com uma compreensão do passado histórico se conseguirá intervir e preservar com qualidade. O respeito pelos conjuntos tendo em conta as suas antigas funções, mas também os recursos naturais, tornam-se essenciais sendo que a escolha de futuras novas funções deverá ter sempre como ponto de partida o existente, adaptando-se a escolha a este, e nunca o inverso.

O conhecimento e sequente conservação respeitosa do património é essencial na sua preservação qualitativa.

Siglas

A.F. – Arquivo Fotográfico.

A.D.E – Arquivo Distrital de Évora.

B.P.E. – Biblioteca Pública de Évora

C.M.E. – Câmara Municipal de Évora.

U.E. – Universidade de Évora.

Fontes, impressa e manuscritas, consultadas

CAEIRO, Elsa Maria Moreira, *Os Conventos do termo de Évora*, Tesis Doctoral, Universidade de Sevilha, 2005.

CONDE, Maria Antónia Marques Fialho Costa, *Mosteiro de S. Bento de Cástris (Évora) - Bases para uma Proposta de Valorização Histórico-Arquitetónica*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico pela Universidade de Évora, 1995.

CONDE, Maria Antónia Marques Fialho Costa, *O mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*. Dissertação de Doutoramento em História pela Universidade de Évora, 2005.

ESPANCA, Túlio, «O Aqueduto da Água da Prata», *Revista a Cidade de Évora*, nºs 7-8, ano II, Junho-Setembro, 1944, Évora, pp. 85-113.

ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal, vol. VII (Concelho de Évora - volume I) ", Lisboa, 1966.

FIALHO, Manuel, pe; GUSMÃO, Armando de, *Évora Ilustrada*, livro IV, Évora, Imprensa Moderna, 1943, pp. 311-313.

JORGE, Virgolino Ferreira; MONTEIRO Maria Filomena Mourato, «O Sistema Hidráulico Quinhentista da Cidade de Évora», pp. 92- 99, in revista “*Monumentos*”, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 2007.

MASCARANHAS, José Manuel de, MONTEIRO, Maria Filomena Mourato, QUINTELA, António de Carvalho, REBOLA, Maria da Conceição, SARANTOPOULOS Panagiotis, *Aqueduto da Água da Prata e o Abastecimento de Água a Évora*. Associação Portuguesa de Recursos Hídricos, Lisboa, 2005.

MONTEIRO, Maria Filomena Mourato Monteiro, *O Aqueduto da Água da Prata em Évora. Bases para uma Proposta de Recuperação e Valorização*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património nas vertentes Arquitetónico e Paisagístico pela Universidade de Évora, 1995.

MONTEIRO, Maria Filomena Mourato, *Sistema monástico-conventual e desenvolvimento urbano de Évora na Baixa Idade Média*, tese de doutoramento em Arquitetura, Universidade de Évora, 2011.

Regimento do Aqueduto da Água da Prata, 1606, C.M.E., Évora.

Súcinta descrição do Aqueduto da Água da Prata, de suas ruínas e das obras de reparação necessárias, Coleção dos Originais da Câmara, 1865, ff. 89-93, A.D.E..

Cartografia consultada

Antiga Planta Da Canalização Das Aguas Sertoriannas Intra-Muros da Cidade de Évora, sem datação, C.M.E.

Aqueduto da Água da Prata – planta, esc. 1/25000, Hem II, 53, B.P.E., Évora.

Perfil longitudinal do terreno em toda a sua extensão do aqueduto da Água da Prata, esc. 1/2500, 1/2500, Hem II, 52, B.P.E., Évora.

Planta chorographica da zona atravessada pelo Aqueduto Sertoriano d’ Évora, e o estado das Obras em execução. Coleção dos Originais da Câmara, A.D.E., livro nº 851, folio 66, 1896.